

LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO ALEMÃ
(Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa)

HILDA SIRI
1918-2007

(Celeste Ribeiro de Sousa)
2008

A primeira festa de Natal na nova colônia*

Hilda Siri

“Isto não é festa de Natal nenhuma!”, diz a mulher e, com as costas da mão, limpa os olhos, de que brotam lágrimas ardentes. Tem as palmas das mãos cheias da massa dos doces de Natal, ‘Doß’, como eles aqui dizem. Não há bolachinhas com gengibre e canela, cravinho e noz-moscada, nem pão de mel com especiarias, porque aqui faltam os ingredientes necessários. São os biscoitos de farinha com cobertura de açúcar, do jeito que todos eles aqui fazem.

“Sossega, mulher.” O homem está sentado na outra ponta da mesa, a fazer presentes para as crianças. “Com o tempo te vais acostumar à festa de Natal desta terra.”

“Acho que nunca me vou acostumar. Natal sem neve, sem o abetozinho, sem o perfume das maçãs assadas e dos bolos e bolachinhas alemães próprios da quadra, para mim não é Natal. Ainda te lembras de como íamos todos os anos à Missa Solene, a enterrar os pés pela neve fora? Lembras-te do repicar dos sinos que nos chegava das aldeias próximas e distantes, e dos cânticos de Natal que ouvíamos entoar em todas as casas? E aqui... vivemos na nossa

* Tradução de Maria António Hörster. In: Zwanziger, Iris. *Erstes Weihnachtsfest in der neuen Kolonie Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 16-19.

colônia como quem vive numa ilha, no meio de um mar de floresta. A casa dos vizinhos mais próxima fica tão afastada como a aldeia mais chegada na nossa antiga terra.”

“Deixa lá, mulher. Agora temos um chão que é nosso e a primeira colheita de trigo também já foi recolhida e o milho vai a medrar bem. A próxima festa de Natal já a festejamos numa casa nova, de paredes sólidas. Amanhã, véspera de Natal, vamos à Igreja. E a Boa Nova é-nos anunciada aqui, tal como na nossa antiga terra.”

“E as crianças? Para elas o caminho é comprido de mais.”

“Ficam em casa. Quando regressarmos já estão a dormir e depois dispomos os presentes que temos para lhes dar.”

O sol ainda abrasa no céu, quando os pais partem. As crianças estão habituadas a ficar em casa sozinhas. Inge, a mais velha, de doze anos, toma conta dos mais novinhos. Estão sentados diante da casa, no gramado, e ficam a ver os pais a afastarem-se.

“Hoje é a véspera de Natal”, diz Inge.

“Porque é que não temos uma árvore de Natal?”, pergunta Fritz, o mais velho a seguir a Inge.

“Aqui não há árvores de Natal, não estás sabendo? Aqui não crescem abetos.”

“Há, sim”, afirma Fritz. “Hoje, quando estive em casa do vizinho, vi-os a montarem uma arvorezinha.”

“Não pode ser!”

“Pode, pode, era uma árvore de Natal. Não tinha bem o mesmo aspecto da árvore de Natal na Alemanha, mas era muito bonita. No nosso terreno à beira da floresta também há uma a crescer. Está lá adiante, ao fundo.”

“Ora, aquilo é um pinheiro”.

“Como se chama, isso eu não sei. Só sei que é uma árvore de Natal verdadeira. Foi a vizinha que disse.”

“Vamos brincar de Natal,” exclama a pequena Minchen, que é rolicinha.

“Vamos, vamos brincar de Natal,” exultam todos. Fritz vai com o machado até à beira da floresta e em breve regressa com a pequena árvore. Mas como fixá-la de pé? Depois de longa troca de opiniões, todos concordam em a erguer na barriguinha da manteiga. No meio da azáfama que logo se instala, ninguém escuta as preocupações de Inge: “O que é que a mãe irá dizer?” Mas também ela se deixa possuir pelo entusiasmo geral. Põe-se a remexer nos baús e nos armários até que encontra a caixinha com os enfeites natalinos vindos da velha pátria. Os menorzinhos abrem muito a boca e arregalam os olhos ao verem as bolas coloridas, as pinhas prateadas, as nozes douradas e os delicados cabelos de anjo, que dantes o Menino Jesus pendurava sempre na árvore e o São Nicolau vinha buscar de volta no Dia de Reis. A medo, estendem as mãozinhas para agarrar aquelas preciosidades, que brilham e cintilam, e dão gargalhadas ao verem os rostos distorcidos nas bolas reluzentes. Inge enfeita a arvorezinha com o cuidado amoroso de uma pequena mãe de família, enquanto Fritz enrola o lenço de seda da mãe à volta da barrica da manteiga. Os dois pequenitos vão buscar as suas queridas bonecas e os seus queridos ursinhos, para também eles festejarem o Natal. A pequena Minchen vai cantarolando baixinho e de repente todos se põem a cantar:

Todos os Natais vem o Menino Deus
Lá dos céus à Terra para visitar os Seus.
Com a Sua bênção entra em cada lar
Cada um de nós Ele vai sempre acompanhar.

Inge dá um passo atrás, a examinar a sua obra.

“Ora vejam! Não está linda, a árvore? Só faltam as velas. Mas não temos velas de Natal.”

“Ai, dessas não há falta.” Fritz abre a gaveta da mesa e faz aparecer uma caixinha de velas à vista de todos. “O pai trouxe-as da

'vila', mas a mãe disse que não eram precisas porque aqui não havia árvores de Natal."

"O que é que ela irá dizer quando vir esta...", observa Inge, pensativa.

"Vai ficar feliz. Quando os pais chegarem, acendemos as velas. Vai ser uma surpresa, mas uma surpresa!", diz Fritz, e bate as palmas de alegria. "Podes acender já algumas. Quero ver o efeito."

"Mas não temos presentes," lembra-se Inge.

"Eu quero uma boneca", exclama bem de alto a menorzinha, com os olhinhos quase a fecharem-se de cansaço. "Quero uma boneca bem grande!"

"Anda, toma lá a minha boneca. Eu já sou grande de mais para ainda brincar com bonecas. Até já sei ordenhar." "Pá caminha, fazer bonequinha nanar." Ainda mal se deitou e já dorme.

"E eu," choraminga a pequena Minchen. "Eu também quero um presente do Papai Noel."

"Não chores, não sejas bobinha. Eu não sou nenhum Pelznickel¹, pois não?!"

"Não, também não seria possível, porque o Pelznickel sou eu", exclama uma voz grave, no meio do silêncio que entretanto se fez. A porta abre-se e o São Nicolau entra na casa com os seus passos pesados, traz o casacão vermelho, o capuz vermelho com uma borla na ponta e as barbas brancas. Pousa um grande saco no chão e acende as velas da árvore. "Escuta," diz Fritz em segredo ao ouvido de Inge, "este é o nosso vizinho."

"Os meninos portaram-se todos bem? Sim? Então, ora recitem-me lá primeiro uns versinhos, para eu ouvir se vocês também aprenderam alguma coisa em honra do Menino Jesus. Como é que te chamas, pequenina?"

¹ *Pelznickel*, traduzido à letra como "Nickel das Peles", é o nome de um dos vários companheiros de São Nicolau, conhecido, por exemplo, no Palatinado. Outras figuras afins, de implantação regional, com as funções semelhantes de acompanhar São Nicolau e recompensar os meninos que se portaram bem e castigar os que se portaram mal com uma vara, são o *Knecht Ruprecht*, o *Krampus*, o *Schmutzli*, o *Hans Muff*, o *Drapp*, o *Buzebergt*, entre outros.

"Wilhelmine Wendtland."

"Bonito nome. Sabes algum poema?"

Timidamente, Minchen começa a recitar um pequeno poema. Mas em breve ganha mais coragem:

Querido São Nicolau,
Aqui não há ninguém mau.
Traz a boneca contigo
Guarda a vara do castigo.

"Muito bem, minha filha. Vou realizar o teu desejo. E vocês, os dois mais crescidos?"

No meio de risinhos iniciais, também eles recitam os seus pequenos poemas. O Pelznickel dá um livro a cada um. "Só deixo cá uma vara do castigo para o Fritz. Onde há um rapaz, tem de haver uma vara do castigo, senão ele não se faz um homem como deve ser." Ao encaminhar-se para a porta, ainda se vira mais uma vez para trás, mete a mão bem fundo no saco e atira umas mãos-cheias de nozes e castanhas do Pará para dentro da sala. "Feliz Natal, meus meninos!"

"Feliz Natal, São Nicolau, e muito obrigado, senhor vizinho!" sussurra Inge, que se apressou a ir atrás dele e lhe quer apertar a mão.

"Bobagem, bobagem. Eu sou o Pelznickel."

Quando os pais regressam a casa, cansados do longo caminho, já é noite cerrada. Na escuridão azul do céu cintila uma imensidão de estrelas e, num véu de luz, a Via Láctea estende-se pelo firmamento.

"Afinal, foi muito bonito na igreja", diz a mulher. "Só estava era muito calor."

"A árvore também era bonita", diz o marido. "Também devíamos ter montado uma assim para as crianças."

“É verdade”, diz a mãe. “Se amanhã nos levantarmos bem cedinho, ainda a conseguimos armar antes de as crianças acordarem.”

A porta de casa só está encostada. Eles entram. Que perfume estranho, familiar, vem ao encontro deles... Pois não é um cheirinho natalino a velas e a árvore de Natal?....

“Acende a luz, homem! Aqui deve ter-se passado alguma coisa.”

À luz bruxuleante do candeeiro de petróleo reluzem as bolas e os fios da árvore de Natal. Fritz está enrolado debaixo da árvore e Inge dorme na cadeira de balanço. O chão está semeado de cascas de nozes. Em cima do banquinho está um livro. O pai abre-o e lê: “Era uma vez uma rainha...” Nesse momento, a mulher lança-se-lhe ao peito, a chorar. Ele enlaça-a com os seus braços fortes e, com as mãos rudes, afaga-lhe os cabelos com ternura. Os soluços dela de repente transformam-se em riso de felicidade. Liberta-se do abraço e acende as velas na árvore. Rindo por entre as lágrimas, começa a falar no tom em que se conta uma história às crianças: “Era uma vez uma rainha que foi levada para uma terra muito distante. Então, passou a andar triste e amargurada e meteu-se-lhe na cabeça que naquela terra não havia Natal. A fada levou-lhe isso a mal e fez com que ela ficasse cega e surda. Mas o Menino Jesus, que vem até junto das crianças no mundo inteiro e as liberta da culpa, fez com que, através do Seu amor e bondade, ela passasse a ver e a ouvir de novo. Para este milagre, ela desfrutou dos serviços dos seus próprios filhos, que entendiam a Sua linguagem, porque eram de coração puro.” Com grande afã, vai então buscar os presentes, e marido e mulher, ajoelham-nos, ajoelhados debaixo da pequena árvore. Depois, ficam os dois longo tempo sentados, num abraço, e no brilho dos seus olhos refletem-se as luzes que ardem na árvore de Natal.